



PENSANDO ÁFRICAS  
E SUAS DIÁSPORAS  
NEABI – UFOP

## Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 02 N. 01 – nov/dez 2016

### Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

## A eterna busca pelo *corpus mater* em “Terra sonâmbula”, de Mia Couto: uma experiência de vivência cidadã.

Edmar Costa Barros\*

**Resumo:** O maior desafio pedagógico atual é usar ferramentas que possam mostrar aos jovens os vínculos que existem entre o novo e o velho em uma sociedade onde a educação bancária, citada por Paulo Freire, tende a destruir essa noção. É desafiadora para o corpo escolar a busca em atualizar seu currículo diante dessas dificuldades. O acréscimo da obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a 9394/1996, através da Lei 10.639/2003, não parece ser suficiente, pois de nada adianta criar uma lei e não criar mecanismo para atualização do professor ou um planejamento mais aprimorado. A proposta correta é de estudo da história e cultura do negro, não só buscar eliminar a desigualdade racial. É ajudar a criar um ambiente de harmonia escolar, pois esse aluno carrega experiências sociais e culturais que nem sempre são boas para práticas em sala de aula, mesmo que o professor tenha o desejo de aproveitar essas experiências. Como proposta pedagógica, caminhando ao encontro da Lei 10639, cremos que nos auxiliaria a experiência de apresentar aos alunos de qualquer idade, salvaguardando as devidas proporções de conhecimento e engenharias reflexivas, a obra Terra Sonâmbula: esta relata a coexistência entre o velho Tuahir, “que parece ter perdido a substância de tão magro” (COUTO, 2007, p. 10), e o menino Muidinga “de leve coxear, uma perna demorando mais que o passo” Muidinga (COUTO, 2007, p. 10). Ambos, durante a guerra civil moçambicana, assumem como machimondo – um lar/autocarro/ônibus – cheio de corpos carbonizados.

Esse lar deturpado e cadavérico, como a nação moçambicana nesse momento histórico, é tão deteriorado quanto a convivência dos dois. Mas a experiência e conhecimento do velho e a força e esperança do jovem se unem para manter viva a chama de esperança, aprendendo com o passado, lutando pelo presente e sonhando com o futuro promissor.

Esse retrato não foge muito do retrato familiar brasileiro, onde os jovens aprendem à força lidar com os problemas familiares, sociais, raciais e políticos e que podem ver na escola o ponto de apoio para essa mudança.

**Palavras-chave:** Educação; Lei 10.639; Desigualdade racial; Terra sonâmbula.

**Abstract:** The greatest pedagogical challenge today is to use tools that can show young people the bonds that exist between the new and the old in a society where banking education, mentioned by Paulo Freire, tends to destroy this notion. It is challenging for the school body to seek to update its curriculum in the face of these

---

\*Serviço Nacional da Indústria–Sesi/Firjan. E-mail: edmarweb@msn.com

difficulties. The addition of the compulsory teaching of Afro-Brazilian history and culture to the Law of Directives and Bases of Education, 9394/1996, through Law 10.639 / 2003, does not seem to be enough, since there is no point in creating a law and not creating mechanism for updating the teacher or better planning. The correct proposal is to study the history and culture of the Negro, not only seek to eliminate racial inequality. It is to help create an environment of school harmony as this student carries social and cultural experiences that are not always good for classroom practices, even if the teacher has a desire to enjoy those experiences. As a pedagogical proposal, in line with Law 10639, we believe that it would help us to present to the students of any age, safeguarding the appropriate proportions of knowledge and reflective engineering, the work Terra Sonâmbula: this relates to the coexistence between the old Tuahir, who seems to have lost the substance of being so thin "(COUTO, 2007, p.10), and the Muidinga boy" with a slight limp, one leg taking longer than the step "Muutinga (COUTO, 2007, p.10). Both, during the Mozambican civil war, assume as a machimbondo - a home / bus / bus - full of charred bodies. This distorted and cadaverous home, like the Mozambican nation in this historical moment, is as deteriorated as the coexistence of the two. But the experience and knowledge of the old man and the strength and hope of the youth come together to keep alive the flame of hope, learning from the past, fighting for the present and dreaming of the promising future. This portrait does not escape much from the Brazilian family portrait, where young people learn by force to deal with family, social, racial and political problems and who can see in school the point of support for this change.

**Keyword:** Education; Law 10,639; Racial inequality; Terra Sonâmbula.

## **Introdução**

O maior desafio pedagógico atual é usar ferramentas que possam mostrar aos jovens os vínculos que existem entre o novo e o velho em uma sociedade onde a educação bancária, citada por Paulo Freire, tende a destruir essa noção. A luta pela sobrevivência, os problemas sociais, políticos e econômicos, agravados pelas injustiças e diferenças servem de combustível para uma criança problemática.

É desafiadora para o corpo escolar a busca em atualizar seu currículo diante dessas dificuldades. O acréscimo da obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a 9394/1996, através da Lei 10.639/2003, não parece ser suficiente, pois de nada adianta criar uma lei e não criar mecanismo para atualização do professor ou um planejamento mais aprimorado. Nem mesmo se traçam estratégias para conscientização dos jovens com o assunto: o artigo 79-B da mesma lei determina incluir no calendário escolar o “Dia Nacional da Consciência Negra” como se fosse a única forma de se abordar algo tão complexo como o que é ser negro no Brasil – e desconstruir preconceitos como pensar que a população negra é pobre, vive em condições marginais e é desprovida de conhecimentos.

A mídia deturpa a imagem do negro com personagens parvos e que desafinam um canto de miséria como a única forma de conquistar um espaço, quando não estão sendo noticiados como vítimas ou algozes de uma guerra já declarada. Não valoriza os negros

vitoriosos de uma sociedade, mas apenas mostra a população negra sendo açoitada em troncos ou escorraçada de supermercados ao tentar o furto de um pote de margarina para auxiliar na alimentação dos seus filhos.

Se existe desigualdade social, os meios de comunicação buscam ampliá-la com personagens pífiros, o que fere a pouca dignidade que ainda é atribuída ao negro brasileiro.

Os livros escolares também são defasados e valorizam ações como a da Princesa Isabel em acabar com o vergonhoso capítulo escravocrata do Brasil e ordenar Rui Barbosa eliminar seus rastros. O estigma de miserabilidade se perpetua entre as classes desfavorecidas e, com isso, negros como João Candido, promotor da Revolta da Chibata, Cipriano Barata, chefe da Conjuração dos Alfaiates, Manuel Congo, Líder do Quilombo de Vassouras, Chico Rei, Rei de Congo, entre outros que foram tão ou mais importantes quanto Zumbi dos Palmares, são jogados no limbo educacional e cultural.

Nos livros escolares também se esquece que, segundo o professor Roni Bozza, a criança chega ao ambiente escolar com aproximadamente cinco mil horas de informação absorvida dos diversos meios de comunicação como a internet, televisão e jornais. Essas crianças idolatram inconscientemente artistas que fazem apologias às drogas, prostituição, pedofilia e crime. Outros criam uma atmosfera que é propícia ao racismo, preconceitos e discriminação e bullying. E a violência veiculada de forma desregrada e sem uma orientação correta torna-se um combustível a mais para a criação de um jovem rebelde que somente conhece esses conceitos. Perde-se a noção do “meu direito termina onde começa o do próximo”.

Muitas das mães e demais responsáveis pela criação de jovens e crianças não conseguem filtrar essas informações e por falta de conhecimento, as aprovam e apoiam. Com isso, acaba se delegando à escola o papel do filtro domiciliar para rever conceitos e unir as pontas, com uma educação voltada para a valorização dos conceitos corretos e justos. Mas esse não é o papel da escola. A proposta correta é de estudo da história e cultura do negro não só busca eliminar a desigualdade racial. É ajudar a criar um ambiente de harmonia escolar, pois esse aluno carrega experiências sociais e culturais que nem sempre são boas para práticas em sala de aula, mesmo que o professor tenha o desejo de aproveitar essas experiências.

Além disso, em muitos casos, novas metodologias baseadas no lúdico, no criativo e no midiático são refutadas pelos docentes que não têm domínio sobre essas ferramentas ou resistem em se reciclar ou atualizar por achar que estão fazendo papel de palhaço diante do aluno.

## Metodologia

Como proposta pedagógica, caminhando ao encontro da Lei 10639, cremos que nos auxiliaria a experiência de apresentar aos alunos de qualquer idade, salvaguardando as devidas proporções de conhecimento e engenharias reflexivas, a obra *Terra Sonâmbula*: esta relata a coexistência entre o velho Tuahir, “que parece ter perdido a substância de tão magro” (COUTO, 2007, p. 10), e o menino Muidinga “de leve coxear, uma perna demorando mais que o passo” Muidinga (COUTO, 2007, p. 10). Ambos, durante a guerra civil moçambicana, assumem como machimbondo – um lar/autocarro/ônibus – cheio de corpos carbonizados.

Esse lar deturpado e cadavérico, como a nação moçambicana nesse momento histórico, é tão deteriorado quanto a convivência dos dois. Mas a experiência e conhecimento do velho e a força e esperança do jovem se unem para manter viva a chama de esperança, aprendendo com o passado, lutando pelo presente e sonhando com o futuro promissor.

Esse retrato não foge muito do retrato familiar brasileiro, onde os jovens aprendem à força lidar com os problemas familiares, sociais, raciais e políticos e que podem ver na escola o ponto de apoio para essa mudança.

## O novo e o velho: atando as pontas

E esse sonho continua acordado quando Muidinga encontra os diários de Kindzu, um adulto que recebe a missão de encontrá-la e levá-la para os braços seguros e carinhosos da mãe que vive em um navio solitário e à deriva. Mas Kinzdu morre nas mãos da milícia instantes antes de se encontrarem, assim como o presente moçambicano. Esse diário remete-se aos guerreiros místicos do sudeste africano e seus atos de heroísmo que mantem a chama do sonho vivo na alma do menino que sofre com a crueldade da guerra civil que mutila e retalha uma sociedade que já sofreu muito com a presença do colonizador branco e suas ideologias cruéis e torpes.

Vagando perdidos por uma Moçambique que mais se assemelha a uma baleia encalhada, Mia Couto expressa toda sua crítica à ganância dos poderosos que saqueiam as riquezas, tornando a nação num território hostil onde os homens que lutaram pela liberdade passaram de heróis a vilões:

Até que, certa vez, desaguou na praia um desses marmíferos, enorme. Vinha morrer na areia. Respirava aos custos, como se puxasse o mundo nas suas costelas. A baleia moribundava, esgoniada. O povo acorreu para lhe tirar carnes, fatias e fatias de quilos.

[7/14]

*A eterna busca pelo corpus mater em “Terra sonâmbula”, de Mia Couto: uma experiência de vivência cidadã.*

● BARROS, Edmar Costa.

Ainda não morrera e já seus ossos brilhavam no sol. Agora, eu via o meu país como uma dessas baleias que vêm agonizar na praia. A morte nem sucedera e já as facas lhe roubavam pedaços, cada um tentando o mais para si. Como se aquele fosse o último animal, a derradeira oportunidade de ganhar uma porção. De vez enquanto, me parecia ouvir ainda o suspirar do gigante, engolindo vaga após vaga, fazendo da esperança uma maré vazando. Afinal, nasci num tempo em que o tempo não acontece. A vida, amigos, já não me admite. Estou condenado a uma terra perpétua, como a baleia que esfalece na praia. Se um dia me arriscar num outro lugar, hei-de levar comigo a estrada que não me deixa sair de mim. Vistas as coisas, estou mais perdido que meu mano junhito. (COUTO, 2007, p. 23)

A presença do velho e do menino é nada mais que a união das duas pontas da vida: O passado e o futuro. Passado glorioso, mas que foi deixado de lado pela ganância e ambição que contaminou o negro durante a passagem do branco dominador e repressor pela sua terra. E o futuro cheio de incertezas, dúvida e vacilante da sua própria capacidade. E o presente? O presente é o palco retalhado, degradado, estagnado e mortificado que a guerra e a miséria humana deixaram, como a baleia que “moribundava” encalhada na areia, enquanto a ganância “esfomeante” lhe comia as partes que podia levar, sem se preocupar se a grande baleia-nação estava morta.

O Soba, o velho transmissor da cultura e conhecimento ao jovem, é a esperança da nova geração que anseia por conhecimento. Se calçar na juventude para manter a espinha ereta e se manter vivo é a visão do velho Soba e obrigação para manter a tradição e cultura viva - e com isso, se perpetuando e se completando. Já o jovem, precisa da bússola do conhecimento do Soba para não cometer as mesmas falhas dos seus compatriotas. O jovem é a esperança do velho e vice versa.

Nessa rede das alegorias itinerantes, o ônibus carbonizado simboliza a grande nação moçambicana, onde corpos carbonizados não tiveram sorte, direito e dignidade de serem enterrado decentemente. Para as tribos mais tradicionais moçambicanas significa retornar ao útero de sua mãe e negar o retorno para mãe África assim como o retorno ao seu útero soa como ofensa aos Sobas africanos. África, como a grande mãe das poetisas moçambicanas Noémia de Sousa, cujo sangue é tão negro quanto a sua obra de maior expressão, mas de uma singularidade sem igual: *Sangue Negro*. Essa África que adotou as meninas pobres que se prostituem nos cais da antiga capital moçambicana de Lourenço Marques e regozija-se da devolução desta para o seu povo com a mudança de nome para Maputo. Essa é a fênix, renascida das cinzas do caos que o poderio português deixa para trás. Também o retornar para as mães do poeta maior de São Tomé e Príncipe, Francisco José Tenreiro. As mães dele subtraídas quando tinha dois anos de idade, por seu pai. Este o retira de suas mães - biológica e simbólica, levando-o para viver à contra gosto em Portugal. Este

nunca mais veria as duas mães novamente. Mães eternizadas pelo mote no seu único livro, *Corações em África*:

Mãe Negra contou:  
"eu disse:  
Filhinho beba isso coisa não...  
Filhinho riu tanto tanto!..."

Nhá Rita calou-se.  
Só os olhos e as rugas  
Estremeceram um sorriso longínquo.  
- E depois Mãe-Negra?  
(Tenreiro, 1982, p. 67)

Tanto para a poetisa Noémia de Sousa quanto para Francisco José Tenreiro, o retorno à mãe África lhes foi negado. E suas mães biológicas, mesmo muito importantes, pouco sabem delas.

O veículo-Moçambique estacionado à força é o ponto de partida e de chegada, pois o velho Tuahir e o jovem Muidinga sempre que tentam partir, em busca de progresso e sobrevivência, retornam para o mesmo ônibus, num perpétuo e incômodo movimento. Mas sempre caminhando, tentando e buscando lado a lado a mesma coisa: o progresso. O brinquedo de Muidinga é um barco, que singra por um mar turbulento e fúnebre, pois para os africanos o mar tem a ligação simbólica com a vida e a morte. É como navegar por uma terra rasgada pelas minas terrestres deixadas pelos colonizadores como herança para os negros de boa vontade. E assim com a terra que é sonâmbula, do latim *sono ambulare*: andar dormindo, não acorda de um sono eterno e tem o sonho de chegar ao seu destino.

## **Mia Couto para uma leitura em sala de aula**

No fragmentado momento social que Moçambique vive, Antônio Emílio Leite Couto, ou simplesmente Mia Couto, um biólogo e escritor, e seu pai, o jornalista e poeta Fernando Leite Couto, estiveram no campo de batalha contra colonizadores e colonizados. Conhecem, dessa maneira, todos os horrores da guerra.

Mas a guerra agora é lutada de outra forma e a arma do guerreiro é a língua; o instrumento ideológico é a imprensa. Ambos enveredam-se por essa trincheira e vencem batalhas recorrentes. Mia Couto traduz para a ficção a realidade de uma guerra que os

colonizadores portugueses criaram e que perdura como uma herança maldita do seu povo - e que, no momento de libertação do seu jugo, se viu mergulhado na luta entre egos.

Durante o tempo, a história africana fora contada por uma só voz: a do opressor. Mas algumas vozes se levantaram contra isso. Adichie nos alertou sobre o perigo de se ter a estória única porque a nossa história é suprimida pela narrativa do colonizador, através da ideologia e massacre da cultura dos povos africanos. A autora também observa a importância de se contar o outro lado dessa história para as crianças, para romper as amarras que as ideologias produzem diariamente para continuar perpetuando o seu desejo de poder:

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são. (Adichie, 2009, in TED)

Esse deve ser o elo entre pai e filho. A transmissão de uma cultura a partir de uma vivência universal e não restrita como a estória única. Conta-se a estória de um negro não selvagem, animalesco, capaz de reger o próprio destino ou de constituir uma nação baseado em culturas ou valores. Um Negro que é capaz de produzir arte e que não necessita do branco para estar em contato com os elementos mais primordiais do conhecimento humano. Enfim, não ser como descreve Fanon, *un bon banania* (Fanon, 2008, p. 111), com o seu sorriso de parvo, experimentando o produto do conhecimento do branco, um creme feito de aveia e banana. Um negro estigmatizado como *petit-nègre* e incapaz de se libertar-se por pura debilidade mental (Fanon, 2008, p. 45)- tônica não só dos países africanos de língua portuguesa, mas presente em todas as colônias Europeias na África e na América.

Adichie nos alerta do perigo da estória única que pode transformar o herói em vilão. Pode transformar o homem justo em inimigo do Estado, o puro de alma em infiel e cruel ou o grande estadista em ditador. E a contadora de estória faz duras críticas ao ver dos negros pelos brancos, iniciadas pelo navegador inglês John Locke.

Como os dois lados da mesma moeda, a *Frelimo*, a Frente de Libertação de Moçambique, e a *Renamo*, Resistência Nacional Moçambicana, lutam pela já fragmentada herança de seus antepassados. Mas esquecem de que o país não precisa de guerra. Precisa de política para o futuro promissor.

Entender seu passado e aplicar esse conhecimento é a chave para um futuro glorioso. Mas *Terra Sonambula* é uma estória com desejo de história. Dona de uma lírica “Ancorada em cuidadosa carpintaria poética e fabular, *Terra Sonâmbula* é uma verdadeira aula sobre a velha arte de contar história” (COUTO, 2007). O fabular pode ser comparado com a engenharia repassada de geração para geração pelos Sobas e que tem reflexo na cultura brasileira a partir dos povos de terreiro, através das práticas religiosas de matriz africana e de uma riqueza mitológica impressionante. Mostrar aos jovens que a união entre os polos pode criar uma parceria que tem a vitória como objetivo comum e compartilhada entre o velho e o novo é um dos objetivos do romance. Também entender que a educação direcionada para o conhecimento das relações humanas, racionais, vivenciais, raciais e éticas é a chave para gerenciar o conflito de classe e que no futuro não sejam mais necessárias políticas de ações afirmativas como cotas para negros e carentes, em quaisquer que sejam as esferas políticas.

A partir dos conceitos de identidade e tradição, procuramos construir o fio que une as duas pontas do tempo, o presente e o passado, e todos os conflitos, desventuras e alegrias que as duas pontas do tempo a partir do binômio jovem e velho compartilham, revisto por Cirlot:

Personificações do sol como nascente e poente. Outra idéia similar é considerar cada sol como filho de seu predecessor, o que explicaria os numerosos deuses solares, filhos de outros deuses do sol (35). À parte deste sistema de "conexão contínua" ou circular, o velho é sempre o pai (dominador, tradição, reflexão, soberano celeste, justiça), enquanto o jovem é o filho (dominado, subversão, intuição, herói, audácia). A contraposição jovem-velho muda de signo quando o jovem é já homem maduro e o velho é ancião decrépito, pela infantilização e assexualidade deste último. (CIRLOT, 2005, p. 325)

E também reconstruir o mais puro, perfeito e universal arquétipo da mulher Jungueana<sup>1</sup> como o princípio, meio e fim dos dois, pois o mesmo útero foi o abrigo do novo (o nascimento) e será o abrigo do velho (a morte). A mãe *Magna Mater* é a mais perfeita definição, pois é dela que tudo surge e para onde tudo retorna, como o mito de Jove (raiz

---

<sup>1</sup> da *Magna Mater* (Pátria, Cidade, Natureza);

semântica de jovem) que saiu do ventre de Terra e teve que retornar ao mesmo lugar para se salvar da fúria de seu pai Saturno.

O abraço acolhedor da mãe biológica tem o mesmo significado da cicatriz que se abre no ventre da mãe África para abrigar seu filho amado na sua saída e no seu regresso: como um epitáfio muito comum em cemitérios *ad revere loca tuum*, do latim “nós aqui estamos e por vós esperamos”. E dá seu seio como alimento para fazer seus filhos fortes. A busca em comum das duas mães: A pátria África e a Mãe tornam os dois mais unidos e separados ao mesmo tempo.

## Conclusão

Num contexto em que o negro luta contra forças sociais que não mudam muito das nossas lutas diárias e que fazem questionar direitos humanos e sua prática em nossa sociedade, devemos repensar a valorização e de inclusão do negro em uma sociedade majoritária.

*Terra Sonâmbula* nos faz rever as lutas do negro por liberdade como foi feito nos arraiais de Palmares, no século XVII, e em Canudos, no século XIX. Revisa os conceitos de uma sociedade moderna onde a família está se deteriorando e perdendo as rédeas das ações dos jovens e adultos provocando “tragédias”. Os reflexos estão chegando ao ambiente escolar e a figura do professor substitui o Soba, tentando resgatar a valorização dos mais velhos e se tornar a bússola do conhecimento desse jovem, os fazendo entender que o seu conhecimento e sabedoria pode ser útil antes que a herança do jovem sejam as cinzas de uma sociedade onde o passado é desrespeitoso aos que não negaram transmitir conhecimento e deram a própria vida pelo jovem para ver ceifada pela sua própria ignorância.

Manter o Soba vivo é manter viva a memória, pois a identidade de uma nação forte passa pela história, sendo natural ou fictícia, mas gloriosa, de um povo. A tentativa de Portugal de apagar essa história dos povos coloniais africanos foi o projeto salazarista mais fracassado do seu governo. A presença do invasor e a tentativa de dilacerar as vísceras da nação fortaleceram seus laços simbólicos e valorizaram os Sobas. A presença dos jovens africanos como Rui Manuel e outros homens obstinados nos cenários portugueses, na CEI – Casa dos Estudantes do Império – fez com que os filósofos retornassem para seus países com pensamentos revolucionários e que, segundo Cabaço:

O aparecimento, no discurso corrente, da ideia de uma identidade nacional "normal" é o resultado prático de um projecto identitário. Definindo explícita ou implicitamente essa "normalidade essencial", as políticas de identidade buscam legitimá-la por meio da releitura de tradições existentes ou inventadas organizadas num sistema simbólico em torno de uma "narrativa fundante", que, no caso dos países emergentes, se torna muitas vezes a narrativa fundante da Nação ou de uma época histórica da Nação. A identidade nacional "normal" implica classificação, hierarquização e uma identificação que engloba e exclui, que estabelece "quem é" ou "quem não é". Nas relações no interno da comunidade, esse exercício se traduz em poder. (CABAÇO, 2009, p. 19)

E, por fim, para manter a esperança, na figura do jovem que representa o futuro, o velho tem que morrer. Por mais que tente deixar no jovem a ideia de um futuro glorioso que valorize mais esse conhecimento. E a obra cinematográfica explora esse viés simbólico do velho ter que morrer para que o novo sobreviva; e que o retorno à mãe é obsessão comum dos dois. O sacrifício do passado é a lição do futuro. E os erros são seus acertos.

A realidade dos alunos, atendidos pelos grupos pedagógicos que visam a mudança humana, não é muito distante da moçambicana. Muitos desses estudantes vivem em comunidades onde o tráfico e a prostituição se aproveitam do baixo IDH para alojarem-se nas almas dos jovens e poucos dessa realidade escapam. A experiência da leitura dessa obra pode nos levar a diversas atividades a serem propostas para os alunos, que podem ir desde criar uma baleia, para depositar nela os itens basilares de uma família, até a criação de um diário onde os alunos podem dialogar a respeito de problemas que os afligem e buscar soluções para problemas sociais. Criando uma esfera de confiança entre o Velho "Professor", o Jovem "Aluno" e o Adulto "Escola", e fortalecendo o Machimondo "Família", na eterna busca do bem comum: o *corpus mater*, a verdadeira mãe.

## Referência bibliográfica

ADICHIE, Chimamanda. Adichie: O perigo da história única. Filmado em jul. 2009. Postado em out. 2009. Disponível em <[http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)> Acessado em 20 ago. 2012.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: Identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: UNESP, 2009.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

[13/14]

*A eterna busca pelo corpus mater em "Terra sonâmbula", de Mia Couto: uma experiência de vivência cidadã.*

● BARROS, Edmar Costa.

TENREIRO, Francisco José. *Coração em África*. Lisboa: Editor África, 1982.